

OS SENTIMENTOS DOS ALUNOS EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA

THE FEELINGS OF STUDENTS IN TIMES OF EMERGENCY REMOTE LEARNING

José Matias Alves¹ | Ilídia Cabral²

Não há nada novo, mas tudo mudou. Porque os problemas da educação que descobrimos durante a pandemia não são problemas novos, já cá estão há muitos anos. A pandemia obrigou a mudar a nossa relação com esses problemas.
(António Nóvoa, 2021)

Resumo No dia 8 de fevereiro de 2021, os alunos voltaram ao ensino *online*, em ambiente doméstico, depois de 15 dias de férias antes do tempo previsto. Nesta investigação quisemos saber como estavam a viver este tempo de fechamento em casa e como avaliavam sete áreas-chave neste ofício de aluno a distância: as estratégias de ensino usadas pelos professores; a relação pedagógica; a pertinência, adequação e justiça da avaliação; a colaboração com os colegas; o ambiente vivido em casa; os sentimentos predominantes; a riqueza das aprendizagens. Nesta comunicação iremos analisar apenas os sentimentos vivenciados e declarados. Através de plataforma eletrónica foi administrado um questionário aberto e, com o consentimento e mediação dos diretores, foram recolhidos dados de quatro escolas (duas pertencendo ao ensino particular e cooperativo da região de Lisboa e duas escolas estatais na Região Norte) num total de 614

-
- 1 Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa.
 <https://orcid.org/0000-0002-9490-9957> ; jalves@ucp.pt.
 - 2 Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa.
 <https://orcid.org/0000-0003-2141-044X> ; icabral@ucp.pt.

alunos do 9.º e 10.º anos. A recolha de dados ocorreu no mês de fevereiro de 2021.

Os resultados revelam que os alunos evidenciam sobretudo sentimentos negativos (tristeza, saudade, solidão), sobressaindo, no entanto, a esperança e a alegria, numa listagem de dez sentimentos. Não se registam diferenças significativas entre as escolas.

Estes dados indiciam que os alunos vivenciam sentimentos contraditórios e paradoxais, sendo necessário cuidar das feridas geradas através de uma pedagogia da escuta, do cuidado e da proximidade de modo a reconstruir os laços feridos.

Palavras-chave ensino remoto, sentimentos, alunos.

Abstract On February 8, 2021, students returned to online learning, in the home environment, after a 15-day vacation ahead of schedule. In this study we wanted to know how they were experiencing this period of isolation at home and how they evaluated 7 key areas in this remote learning experience: the teaching strategies used by teachers; the pedagogical relationship; relevance, adequacy and fairness of the evaluation; collaboration with colleagues; the environment experienced at home; the predominant feelings; the richness of learning. In this paper we will only analyse the experienced and declared feelings. An open questionnaire was administered through an electronic platform and with the consent and mediation of the principals, data were collected from 4 schools (2 belonging to private and cooperative education in the Lisbon region and two public state schools from the northern region) in a total of 614 students from the 9th and 10th years. Data collection took place in February 2021. The results reveal that the students report mostly negative feelings (sadness, longing, loneliness), with hope and joy standing out, nevertheless, in a list of 10 feelings. There are no significant differences between schools. These data indicate that students experience contradictory and paradoxical feelings, making it necessary to heal the wounds incurred through a pedagogy of listening, care and proximity in order to reconstruct injured bonds.

Keywords remote learning, feelings, students.

Introdução

Nesta pequena investigação quisemos saber como é que os alunos do 9.º e 10.º anos estavam a viver o tempo de fechamento em casa [fevereiro de 2021] e como avaliavam sete áreas-chave neste ofício de aluno a distância: as estratégias de ensino usadas pelos professores; a relação pedagógica; a pertinência, adequação e justiça da avaliação; a colaboração com os colegas; o ambiente vivido em casa; os sentimentos predominantes; a riqueza das aprendizagens. Nesta comunicação iremos analisar apenas os sentimentos vivenciados e declarados.

Através de plataforma eletrónica foi administrado um questionário aberto e, com o consentimento e mediação dos diretores, foram recolhidos dados de quatro escolas (duas pertencendo ao ensino particular e cooperativo da região de Lisboa e duas escolas estatais na Região Norte) num total de 614 alunos do 9.º e 10.º anos. A recolha de dados ocorreu no mês de fevereiro de 2021.

O texto organiza-se em cinco sequências: breve enquadramento teórico, nota metodológica, apresentação dos resultados, discussão e conclusão.

Breve nota de enquadramento teórico

Quisemos saber o sentir dos alunos “fechados” em casa porque, como refere António Nóvoa em entrevista não se pode saber sem sentir e na prática do sentir há também um conhecimento (Nóvoa, 2021). De facto, há crescentes evidências científicas que demonstram que “são os sentimentos que trazem à mente os factos através dos quais sabemos, de imediato, que aquilo que naquele momento temos na mente nos pertence e nos está a acontecer. Os sentimentos permitem-nos experienciar e tornarmo-nos conscientes” (Damásio, 2020, p. 213). Na mesma linha de pensamento, Humberto Maturana sustenta que todo o pensamento racional tem uma base emocional. O autor, em entrevista ao jornal chileno *La Tercera* (30/4/2020), mostrou-se preocupado com a atual crise sanitária e ecológica e afirmou de modo muito contundente que, se não nos escutarmos e não nos encontrarmos na mútua aceitação e na colaboração, por meio da convivência democrática, não geraremos mudança alguma orientada para o bem-estar da humanidade; com ou sem pandemia viral, iremos diretos à nossa extinção (2020). E Bernardo Soares (Soares, 1990), no seu *Livro do Desassossego*, afirma que “há uma erudição do conhecimento, que é propriamente o que se chama erudição, e há

uma erudição do entendimento, que é o que se chama cultura. Mas há também uma erudição da sensibilidade” (p. 389), fazendo ver que o entendimento e a sensibilidade estão obrigatoriamente presentes no conhecer, no saber, no fazer, no modo de vermos as coisas, o mundo e os outros.

Fernando Pessoa (1932), ele próprio, afirmava em três célebres versos – “Eu tenho ideias e razões / Sei a cor dos argumentos / E nunca chego aos corações” –, confessando, deste modo, a essencialidade da emoção e dos sentimentos para instaurar a comunicação, o amor e a vida humana. Chegar *ao coração* é afirmar a coragem de existir e interagir, é cativar e ser responsável por aqueles que cativamos no célebre dizer de Saint-Exupéry. Aliás, Maturana (2020) chama a atenção para a centralidade da convivência, da presença e da interação com o outro quando sustenta que a convivência é a base do fenómeno social e o amor o dispositivo da socialização e o fundamento da humanidade. Esta ideia remete para as quatro grandes finalidades da educação enunciadas sob o patrocínio da UNESCO no já longínquo ano de 1996 – *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver*.

A base (e a condição) da vida pessoal e social é, pois, a relação, a interação, a comunicação e as emoções e sentimentos, com destaque para o *amor ao próximo*. Estas são as portas de entrada e de sobrevivência numa vida digna e convivial.

Por esto mismo mantengo que no hay acción humana sin una emoción que la funde corno tal y la haga posible como acto. Por esto pienso también que para que un modo de vida basado en el estar juntos en interacciones recurrentes en el plano de la sensualidad en que surge el lenguaje se diese, se requería de una emoción fundadora particular sin la cual ese modo de vida en la convivencia no sería posible. Tal emoción es el amor. El amor es la emoción que constituye el dominio de acciones en que nuestras interacciones recurrentes con otro hacen al otro un legítimo otro en la convivencia. (Maturana, s/d, imprensa)

Como afirma Miguel Santos Guerra (2021, imprensa), a educação é muitos mais do que *instrução* e mesmo *socialização*. Não é verdade que a educação seja uma responsabilidade das famílias e o ensino uma responsabilidade das escolas:

Creo que la educación es algo más que la mera instrucción. Porque la educación tiene un componente crítico (enseñar a pensar, no qué pensar) y un componente ético (enseñar a ser y a convivir) que no tienen la simple adquisición del conocimiento. Es también diferente al proceso de socialización, que busca la integración exitosa del individuo en la sociedad y, por supuesto, al adoctrinamiento. El adoctrinador no acepta la libertad del discípulo. Un fanático no es un maestro. La educación es la práctica de la libertad.

Em síntese, para se cumprir o *tesouro da educação* e haver as aprendizagens pessoal e socialmente relevantes, temos de considerar os sentimentos e as emoções das crianças e dos jovens. Saber o que sentem, conhecer as disposições do sentir nas suas manifestações de positividade e negatividade é um exercício fundamental para restaurarmos uma relação pedagógica que dê sentido à vida ou, mais radicalmente ainda, como testemunhou Víctor Frankl (1991), que torne possível a vida na escola e no mundo que vivemos.

Apresentação dos resultados

Pedimos aos alunos: Da lista de dez sentimentos, escolhe os cinco que melhor definem o teu estado de espírito [alegria, tristeza, saudade, amor, medo, angústia, esperança, temor, carinho, solidão].

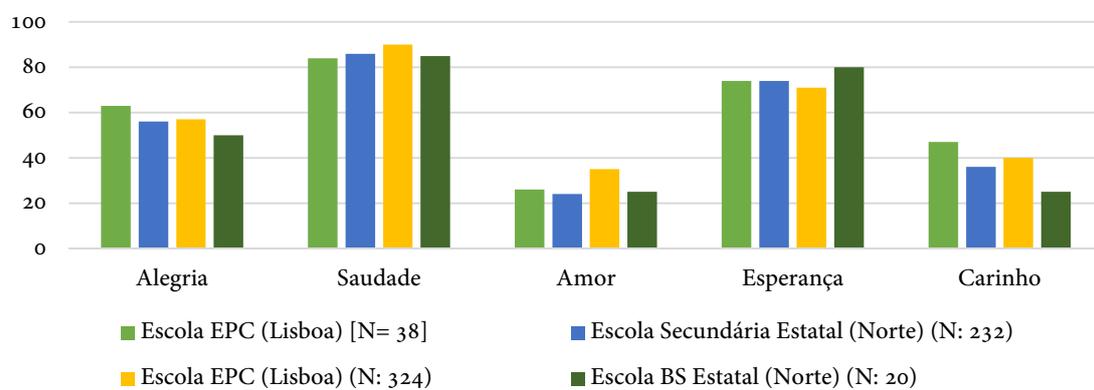
A *posteriori*, organizámos os sentimentos em duas grandes categorias: sentimentos positivos [alegria, saudade, amor, esperança, carinho] e sentimentos negativos [tristeza, medo, angústia, terror, solidão]. Inserimos a *saudade* na vivência positiva, pois evoca um tempo feliz em que se vivia presencialmente na rua e na escola, uns com os outros, sem máscaras e sem distâncias físicas que se foram progressivamente transformando em sociais. Como poeticamente diz Rubem Alves (2004, p. 57): “na saudade descobrimos que pedaços de nós ficaram para trás. E descobrimos, na saudade, uma coisa estranha: desejamos encontrar, no futuro, aquilo que já experimentamos como alegria no passado. Só podemos amar o que um dia tivemos.”

A saudade é, assim, a saudade de um futuro que nos traga um passado em que fomos felizes.

Como se pode observar no Gráfico 1, a saudade é o sentimento mais presente nos alunos do 9.º e 10.º anos que responderam à questão. E não há diferença entre escolas. Todos comungam deste “estranho sentimento”. E a ele ligado, existe a esperança, como também enuncia Rubem Alves: saudade, memória e esperança.

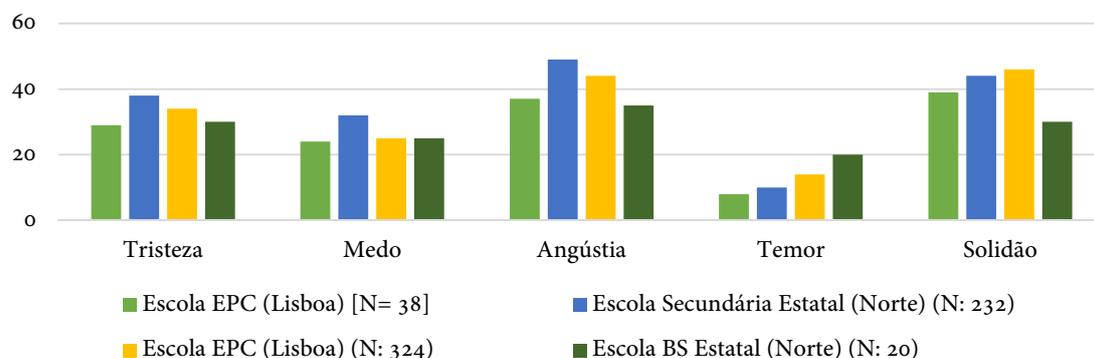
A alegria enunciada tem, certamente, a ver com o passado e o futuro, pois o presente, como veremos, é distópico, disfórico. O carinho e o amor, com muito menor expressão, terão a ver com o espaço doméstico e familiar onde agora existem.

Gráfico 1. Sentimentos positivos referidos pelos alunos (N= 614) (valor %)



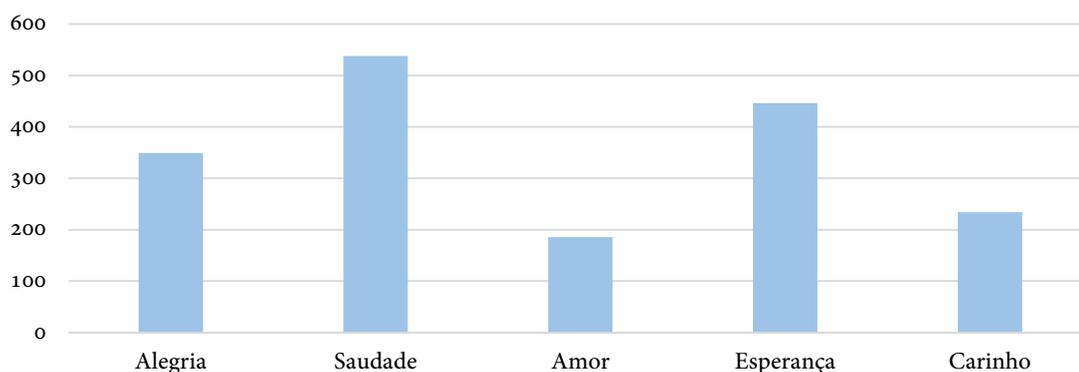
O Gráfico 2 apresenta os sentimentos negativos. A angústia assume a expressão mais nítida, seguida da solidão, da tristeza e, em grau menor, do medo. São sentimentos que seguem o mesmo padrão expressivo nas quatro escolas, não variando em função da região ou do tipo de estabelecimento. A pandemia une, de igual modo, os sentimentos de todos os alunos.

Gráfico 2. Sentimentos negativos referidos pelos alunos (N= 614) (valor %)



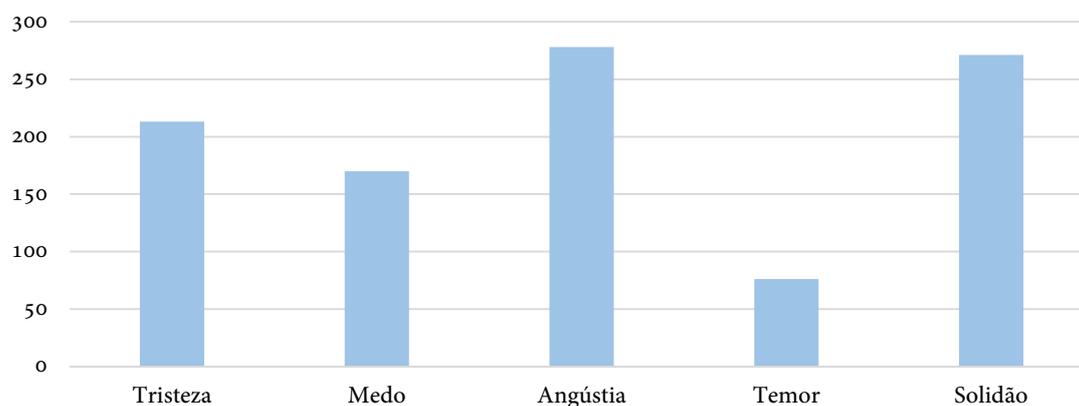
O Gráfico 3 expressa os sentimentos positivos do total dos alunos respondentes e segue o padrão já descrito. No topo está a saudade (mais de 500 alunos a referem expressamente), seguida da esperança (com cerca de 450 referências) e, por fim, a alegria e o carinho.

Gráfico 3. Sentimentos positivos (total de alunos)



Em relação aos sentimentos negativos, a angústia e a solidão ocupam a maior frequência, seguidas da tristeza, do medo e do temor, como se pode observar no Gráfico 4.

Gráfico 4. Sentimentos negativos (total de alunos)



Discussão e problematização

O tempo vivido pelos alunos quando estão reféns na sua própria casa, a partir de fevereiro de 2021, é fortemente marcado por sentimentos antagónicos dada a rutura com os modos da vivência escolar. Verificam-se tendências similares por escola (pública e privada).

A saudade e a esperança sobressaem na dimensão positiva dos sentimentos, evidenciando a centralidade da convivência e da socialização para o desenvolvimento humano. Como refere Maturana (s/d e 2020), os sentimentos são a respiração da vida e a porta de entrada na razão e na cognição. Damásio (2020) chama-nos a atenção para a centralidade do sentir no processo de construção da consciência de si, na relação com os outros.

A angústia é o sentimento mais expressivo, resultando da clausura e de um confinamento que as pessoas toleram, mas não desejam. A incerteza, a imprevisibilidade, a precariedade são explicações possíveis para a generalidade dos sentimentos negativos.

A solidão e a tristeza assumem também dimensões consideráveis. Estar só e triste são marcas emocionais em ferida, sendo muito provável que afetem as aprendizagens previstas nos currículos. Aliás, um estudo do IAVE (2021) revela que os resultados mostram que mais de metade dos alunos dos 6.º e 9.º anos não conseguem atingir o nível de conhecimentos elementares esperados.

Haverá, certamente, múltiplas causas para este suposto *défice*: planificação das aprendizagens, recursos tecnológicos, metodologias, estratégias de ensino, modos de interação e avaliação. Mas, à luz do quadro teórico que mobilizamos, podemos sustentar que as *feridas sentimentais* são provavelmente a causa mais significativa para um certo desligamento dos alunos face à matéria dada.

Por outro lado, importa considerar que, sendo a relação pedagógica uma das variáveis mais importantes na predição e construção do sucesso escolar, compreender-se-á que a relação mediada pelas tecnologias não pode ter o mesmo efeito.

Ilações para a ação

Como principais ilações para a ação, consideramos ser necessário recuperar o aprender a ser (e estar) uns com os outros, bem como o aprender a crescer juntos.

O reforço dos laços da convivência através de mais tempo para esta finalidade essencial da escolarização parece ser imperativo, como tão bem refere Eduardo Sá (2021, imprensa): “As crianças não ganham se tiverem aulas durante muito tempo. Não aprendem mais. Nem aprendem melhor. O enfado ou o cansaço descentra-as daquilo que lhes é pedido. Desconcentra-as. Distrai-as. Inquieta-as. Logo, quanto mais as aulas se prolongam, menos elas aprendem.” E acrescenta:

As crianças não ganham se não tiverem recreios. Tê-las quietas, caladas e fechadas obriga-nos a dar-lhes recreios mais generosos. Muito acima dos 5 minutos que muitas escolas, a pretexto do coronavírus, entenderam atribuir-lhes. E acima dos 10 minutos de recreio do “antigamente”, que lhes dava 3 minutos para irem à casa de banho, 3 minutos para comerem o pão e 4 minutos para brincarem. Escolas que desconsideram o recreio comprometem o aprender. (2021, *ibidem*)

Precisamos, pois, de menos tempo letivo, menos horas curriculares, e contrariar a tendência de acrescentar e aumentar o tempo curricular. Precisamos de acabar com a prisão da grade curricular, receita única para todos no mesmo espaço e tempo. Pelo contrário, sustentamos a tese de que é preciso diminuir o tempo de ensino que decorre da prescrição programática e aumentar o tempo de aprendizagem segundo as necessidades dos alunos, de acordo com lógicas não formais, flexíveis e geometrias variáveis tendo em conta as quatro finalidades essenciais do processo de escolarização: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver (UNESCO, 1996). Confiar, colaborar, criar, comprometer alunos e professores na reconstrução dos laços feridos.

Precisamos de recentrar a ação nas finalidades da ação educativa, formar pessoas, competentes, conscientes, compassivas, comprometidas, criativas, considerando o “genoma” do ser humano. “Eu proponho, portanto, que o homem seja definido como uma nova espécie: *o homo compassivus*. Àqueles a quem falta a compaixão falta também a qualidade de humanidade. Não são meus irmãos” (Alves, 2002, pp. 85-86).

Só deste modo será possível curar as feridas da angústia e da solidão ontológica, só através de uma pedagogia da escuta, da proximidade, da atenção, conseguiremos evitar um progressivo desligamento da escola e retornar a uma vida mais sensível e mais humana.

Referências

- Alves, R. (2002). *Gaiolas ou Asas*. Porto: Edições ASA.
- Alves, R. (2004). *As Cores do Crepúsculo*. Porto: Edições ASA.
- Damásio, A. (2020). *Sentir & Saber – A caminho da consciência*. Lisboa: Bertrand.

- Frankl, V. (1991). *Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- Guerra, M. (2021). Mi credo para el nuevo curso. *El Adarve, La Opinión de Malaga*. 4 setembro 2021, https://mas.laopiniondemalaga.es/blog/eladarve/2021/09/04/mi-credo-para-el-nuevo-curso/?fbclid=IwAR3sfl4NooX2NQjUwAy8_IoMvJhhxYTWDXihxmJ9jrhVcVvkrmPpnIokA_U (consulta de 19 de janeiro de 2022).
- IAVE (2021). *Estudo Diagnóstico das Aprendizagens – Apresentação de resultados*. Autor: Lisboa. <https://iave.pt/novidades/estudo-diagnostico/> (consulta de 19 janeiro de 22).
- Maturana, H. (2020). Sem cooperação e alteridade não há futuro. <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/maturana-sem-cooperacao-e-alteridade-nao-ha-futuro/> (consulta de 19 de janeiro de 2022).
- Maturana, H. (s/d). Emociones y lenguaje en educación y política. http://turismotactico.org/proyecto_pologaraia/wp-content/uploads/2008/01/emociones.pdf (consulta de 19 de janeiro de 2022).
- Nóvoa, A. (2021) António Nóvoa: aprendizagem precisa considerar o sentir. Entrevista à revista online *Educação*, 25 junho 2021, <https://revistaeducacao.com.br/2021/06/25/antonio-novoa-aprendizagem-sentir/> (consulta de 19 de janeiro de 2022).
- Pessoa, F. (1955). *Poesias Inéditas (1930-1935)*. Fernando Pessoa. (Nota prévia de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1955 (imp. 1990). <http://arquivopessoa.net/textos/1026> (consulta de 19 de janeiro de 2022).
- Sá, E. (2021). Blogue a escola toda. https://www.eduardosa.com/blog/a-escola-toda/quietos-calados-mascarados-e-fechados/?fbclid=IwAR2TYRYMQX_wo2-cwWsob_f1wp9ePZTk37-fOhC2v8lz6vOaY-W9w8atmsc (consulta 5 setembro 2021).
- Soares, B. (1990). *Livro do Desassossego*. Vol. I. Fernando Pessoa. (Organização e fixação de inéditos de Teresa Sobral Cunha). Coimbra: Presença, 1990. <http://arquivopessoa.net/textos/2117> (consulta de 19 de janeiro de 2022).
- UNESCO/Delors, J. (coord.) (1996). *Educação – Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições ASA.

Article received on 20/09/2021 and accepted on 26/11/2021.

Creative Commons Attribution License | This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (CC BY). The use, distribution or reproduction in other forums is permitted, provided the original author(s) and the copyright owner(s) are credited and that the original publication in this journal is cited, in accordance with accepted academic practice. No use, distribution or reproduction is permitted which does not comply with these terms.